

**A FRAGMENTAÇÃO DA VIDA EM *CERIMÔNIAS DO SERTÃO*, DE RICARDO GUILHERME DICKE**

***THE FRAGMENTATION OF LIFE IN CERIMÔNIAS DO SERTÃO, BY RICARDO GUILHERME DICKE***

Antonio Aparecido Mantovani<sup>1</sup>  
Adriana Lins Precioso<sup>2</sup>  
Mônica Aparecida Teixeira da Fonseca<sup>3</sup>

**RESUMO**

Este artigo analisa o personagem Frutuoso Celidônio, do romance *Cerimônias do Sertão*, de Ricardo Guilherme Dicke (2011) no que tange à fragmentação dos pensamentos e comportamentos do protagonista, considerando o tempo pós-moderno na narrativa com suas implicações e rupturas que a sociedade pós-moderna provoca no sujeito. Como aporte teórico, recorre-se a Hall (2006) norteamentos acerca da construção da identidade na pós-modernidade ou modernidade tardia. Utiliza das contribuições de Bauman (2005) para compreender as angústias do personagem no mundo pós-moderno e em Antonio Candido reflexões sobre o personagem (1974). O trabalho permite associar o comportamento do sujeito às mudanças da sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** *Cerimônias do Sertão*, Frutuoso Celidônio, Identidade, Pós-modernidade.

**ABSTRACT**

This article analyzes the character Frutuoso Celidônio, from the novel *Cerimônias do Sertão*, by Ricardo Guilherme Dicke (2011) regarding the fragmentation of the protagonist's thoughts and behaviors, taking the postmodern time in the narrative into consideration with its implications and ruptures that the postmodern society provokes in the subject. As a theoretical support, Hall (2006) is used for guidance about the construction of identity in postmodernity or late modernity. The contributions of Bauman (2005) are used to understand the anguish of the character in the postmodern world and in Antonio Candido reflections on the character (1974). The paper allows associating the subject's behavior with the changes in contemporary society.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela USP. Docente do Programa de Pós- graduação em Letras, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: [amantovani@unemat.br](mailto:amantovani@unemat.br)

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Docente e vice-coordenadora do Programa de Pós- graduação em Letras, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: [adrianaprecioso@unemat.br](mailto:adrianaprecioso@unemat.br)

<sup>3</sup> Mestranda Letras, linha de pesquisa “Estudos Literários” pelo Programa de Pós- graduação em Letras, UNEMAT, Campus de Sinop. E-mail: [monica.fonseca@unemat.br](mailto:monica.fonseca@unemat.br)

**Keywords:** *Cerimônias do Sertão*, Frutuoso Celidônio, Identity, Postmodernity.

## **Introdução**

É inegável que a sociedade pós-moderna causou uma ruptura nos processos de identificação cultural, social, mental e psicológico do sujeito, o que implica dizer que essas transformações afetam o modo como nós nos enxergamos e olhamos para o outro, bem como nosso comportamento. Manter-se firme nos seus valores e conceitos numa sociedade que possui preceitos de tão curto prazo pode causar processos depressivos e requer um forte esforço e equilíbrio mental.

O indivíduo que antes tinha uma identidade estável, conforme Hall (2006), regida por valores e princípios sólidos e que se mantinha assim durante todo desenvolvimento de sua existência, hoje se encontra numa sociedade fragmentada, efêmera e em constante transformação. Desse modo, o sujeito pós-moderno não tem somente uma identidade, mas várias e que, diversas vezes, se contradizem e essas contradições provocam um emaranhado de questionamentos no sujeito que já não se reconhece.

Hall (2006) em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* apresenta alguns pontos cruciais para melhor compreendermos essa transição no comportamento do sujeito e na sua concepção identitária. Para o autor (2006, p.7), as identidades fixas e imutáveis estão em derrocada, possibilitando que novos modelos de identidades sejam criados e, conseqüentemente, fragmentando o indivíduo contemporâneo:

A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Tendo compreendido esse novo modelo de formação do eu, nos empenhamos em aprofundar estudos e análises acerca da narrativa (mergulhada em reflexões sobre a existência humana) de Ricardo Guilherme Dicke. O autor nasceu em Chapada dos Guimarães em outubro de 1936, formou-se Bacharel em Filosofia pela UFRJ em 1971 e no ano seguinte, 1972, licenciou em Filosofia pela mesma instituição (UFRJ). Atuou

como professor, tradutor e jornalista para várias editoras e jornais de grande circulação no Rio de Janeiro e Cuiabá.

Seu pai era garimpeiro de origem alemã e a mãe brasileira, pelo fato do pai ser trabalhador de garimpo Dicke transitou e morou em diferentes lugares de Mato Grosso, circunstância que permite ao escritor descrever com propriedade e verossimilhança a paisagem desta região do país. Em suas narrativas é comum a presença de elementos que dão vida ao sertão de Mato Grosso, como a descrição das serras, rios e florestas, da natureza se comunicando com o homem, dos habitantes que, quase sempre, são figuras sofridas, humildes e marginalizadas.

Dicke é autor de mais de quarenta livros (contos, romances e poesias), e é considerado um dos autores mais premiados de Mato Grosso. Em 2004, o escritor recebeu o título de Doutor Honoris Causa da UFMT. É considerado um dos melhores romancistas brasileiros por alguns dos principais críticos literários do país. Com "Deus de Caim", Dicke foi um dos ganhadores do Prêmio nacional WALMAP de Literatura de 1967. Em 2005 teve o romance *O salário dos poetas* adaptado para o teatro, pelo diretor português João Brites, encenado pelo grupo de teatro experimental O Bando, em Portugal.

Diante disso, este estudo analisa as representações do pensamento e comportamento humano pelo personagem Frutuoso Celidônio, do romance *Cerimônias do Sertão*, de Ricardo Guilherme Dicke (2011). O escritor traz em seu romance matizes de uma sociedade que se encontra em angústia diante da fragmentação do tempo e das dificuldades de romper os padrões de consumo estabelecidos pela sociedade contemporânea, imerso nesse cenário o personagem não se sente pertencente ao meio e busca nas artes momentos de quietação e meditação, um fôlego diante do turbilhão de pensamentos e ebulição de ideias, causados pela aceleração da tecnologia. Bauman (1997, p.225) nos possibilita entender as consequências dessa imposição tecnológica na vivência do sujeito contemporâneo ao mostrar que a

tecnologia significa fragmentação: da vida numa sucessão de problemas, do eu num conjunto de facetas geradoras de problemas cada um exigindo técnicas separadas e corpos separados de conhecimento especializado. Feita a tarefa da fragmentação, o que resta são diversos anseios, devendo cada um ser mitigado por requisição de específicos bens e serviços e diversas constrições internas e externas.

Sob esse olhar, observamos que Celidônio passa por esse emaranhado de dúvidas ao fazer seu processo de meditação em busca do equilíbrio de suas emoções: “Lá pelas tantas, lembra-se de que ainda não fez a meditação transcendental que pratica todas as manhãs e todos os crepúsculos. Pretende algo budista ou hinduísta ou masdeísta ou paganista, quem me dera saber o que sou.” (DICKE, 2013, p.64). Abaixo, nos pensamentos de Frutuoso Celidônio a representação desse ser em ebulição:

A opressão da chuva e da escuridão. Lembranças: os mortos, o passado, a doença que carregou como uma carga demasiado pesada vida afora. No rádio, Corelli, ao menos isso. Muito autocomplacência, que merda. A mulher e a filhinha na cidade, após os rios inundados e as chuvas deterioradas. No telhado, a chuva. Os caminhos se inundam, as matas se embaçam. Solidão. O mundo parece desabitado. (DICKE, 2013, p.66)

Além de mensurar a chuva como opressora e causadora de sua angústia, o personagem ainda resgata nas lembranças momentos dolorosos do seu passado, mas que ainda o assombram. A agressividade do pai na sua infância. O tratamento psiquiátrico e, ainda, o uso de medicamentos antidepressivos que o incomoda. A chuva faz lembrar-se da esposa e da filha que estão distantes. É possível ler que ele ainda é paciente, é marido e é pai: há três identidades que se esbarram, se chocam e entram em conflito.

Outro aspecto importante na concepção e afirmação da identidade é o avanço da globalização que acontece cada vez mais acelerado e isso fragiliza o sujeito no processo de significação do Eu. Assim, percebemos que “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente.” (HALL, 2006, p. 14).

A sociedade contemporânea (re)criou um indivíduo que possui diversas identidades e em diferentes momentos, identidades que são construídas, reconstruídas e reinventadas na relação com o outro. Vejamos em Hall (2006, p. 12):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

O interesse em compreender o personagem Celidônio surge da representação que este desenvolve no romance, é em torno dele que a narrativa é tecida, o romance se estabelece e se fortalece com o interesse do personagem em escrever e materializar a beleza e é essa busca incessante a principal cerimônia do romance.

É impossível negar a significância e representatividade do personagem no romance, pois sem ele a narrativa seria esvaziada de sentido, por isso Candido (1974) nos mostra que um texto narrativo se configura com três elementos centrais no seu desenvolvimento “o enredo e a personagem, que representam a sua matéria; as “ideias” que representam seu significado [...]”, o que nos permite dizer que esses elementos só existem interligados, um complementa o outro. No meio disso destaca-se a personagem, é ela que dá vida ao texto narrativo e é por meio dela que as “ideias” se concretizam,

No meio deles, avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeções, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos. (CANDIDO, 1974, p.54)

Diante das palavras de Cândido, percebemos a importância do personagem no romance e a sua relevância da função que desempenha, pois é ele que dá vida ao texto, uma vez que o personagem existe atrelado ao enredo e às ‘ideias’, é a pessoa de Celidônio que desenvolve a busca pela Beleza, as contradições e os conflitos nessa empreitada de escrever uma tese sobre um substantivo abstrato e materializá-lo, a beleza concretizada num corpo de mulher.

### **As chuvas e a melancolia humana**

Celidônio precisou se deslocar até a casa da família (sua mãe, tia Ibina e tio Manuel) por causa da morte de sua avó Bruges, chamada, pelos filhos, de dona Paulina. Agora, diante da efemeridade da vida, resgata memórias da infância no interior, em Aguassu, onde vivera. É notável a admiração e carinho que o personagem tem pela avó. Vejamos:

Mas uma vozinha que a gente viu desde criança, desde sempre, menino, rapaz, homem, já chegando também às rugosas cavernas escuras e cascarentas da idade, que participava de todas as coisas que

duram, que parecia a própria eternidade... Isso é diferente. Longos cabelos brancos, rugas que palpitavam de anos e anos, a pele escuro-avermelhada, entre cobre e enxofre, os olhos asiáticos, a avozinha, que os seus filhos chamavam de dona Paulina e não de mamãe, [...]. (DICKE, 2011, p 23)

O termo “vozinha”, usado para se referir à avó demonstra afeto e carinho, sentimentos que o sujeito contemporâneo busca esconder ou mascarar, mas com Celidônio é diferente, ele é um homem sensível, filosófico e questionador. A morte da avó Bruges causa profunda tristeza a Celidônio, ele, agora, se vê diante do Nada. Tudo é Nada. A vida se transformou em água e se diluiu no tempo e restou apenas “[...] a chuva e a morte, nada mais... A chuva e a morte... Se é imensa a chuva, quase sem fim, que se dirá da morte?” (DICKE, 2011, p. 20). Nessa melancolia, Frutuoso Celidônio dialoga com o leitor a respeito da efemeridade da vida e iminência da morte, lembra-se de que nunca viu o mar e enxerga na chuva a imagem dessa imensidão de águas, ressurgindo grandiosamente:

Quando chove, não será que o mar reapareceu em algum lugar? Só que esta tristeza não o anima... Sente a casa inteira cheia da presença da avó morta. Quem morreu se difunde na paisagem. Quem morreu há dez dias, como estará? E quem o saberá? Será que o morto o saberá? Ou ninguém mais, imensamente ninguém, saberá, depois que morre vira bruma? (DICKE, 2011, p. 21)

Sabemos que a água traz diversos significados, podendo estar relacionada à pureza, ao renascimento, à vitalidade do corpo, mas pode, também, representar a melancolia, estados depressivos da alma humana, inquietações e questionamentos sobre a morte e a vida, o que acontece depois que se morre:

Um grito, mas um grito profundo na garganta como um chocolate podre, um grito borroso como chumbo que se derrete de tão mole, um grito de Deus ou de ninguém. E ninguém. Onde estavam todos? E a avozinha, que até há um pouco era a dona da casa, onde se fora? Os homens e as mulheres? Teriam todos oitenta, noventa anos, sabe-se lá quantos, e dormiam seu ruminante sono eterno, digerindo a imensa eternidade [...] (DICKE, 2011, p.32 - 33)

Então percebemos, na narrativa, que há uma forte relação entre os dias chuvosos e a melancolia em que o personagem se encontra, é uma chuva que não passa, tudo é

chuva “E a chuva cai sempre. Nada mais que chuva. O mundo é a chuva. A consciência é a chuva. Como se, desde o princípio do mundo chovesse [...]” (DICKE, 2011, p.47)

Antonio Candido (1974) nos mostra que a construção do personagem no texto narrativo perpassa as relações humanas, comportamentos, angústias, vivências e valores que são personificados pela linguagem literária e, se são baseados nesses aspectos tendem a revelar o mais íntimo do sujeito:

Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. (CANDIDO, 1974, p.45)

Dicke, ao dar voz ao personagem, nos permite sentir essas emoções, frustrações, anseios e esperanças que permeiam a construção identitária do personagem. Frutuoso Celidônio recolhe-se no quarto, o espaço mais íntimo da casa, e ao encontrar-se consigo mesmo, na solidão da vida, mergulha nos pensamentos e nas reflexões sobre suas vivências, sua demissão, sua doença, sua tese. Ele tem um livro de Filosofia publicado no Rio de Janeiro, onde estudou e viveu dez anos e agora é um professor de Filosofia (demitido, mas ainda professor) que deseja escrever uma tese sobre a Beleza.

Agora, longo tempo sem escrever, procura algo imetodicamente, fazer algumas anotações para sua futura tese, que não sabe se defenderá um dia em algum curso de pós-graduação, ou não. [...] As coisas estão tão difíceis por agora, até as teses... Mas ele vai tateando no escuro viscoso das aparências e das realidades. Porque escrever um livro é como tatear no escuro. (DICKE, 2011, p. 46)

As fortes chuvas e a morte da avó despertam no personagem reflexões acerca da concepção humana, da Beleza e do Nada. Porém, suas ideias não estão organizadas, são pensamentos aleatórios e desordenados ou alucinações. É compreensível o devaneio do personagem no mundo moderno no qual ele é incompreendido e que se vê sozinho. E é esse aspecto do romance que permite compreender a literatura de Dicke enquanto percepção universal dos conflitos que permeiam o homem na busca pela compreensão do Eu e configuração de sua identidade, uma vez que na sociedade contemporânea as

relações que atravessam o processo de construção identitária estão sempre fluindo, em constante movimento e de forma acelerada. Tomemos posse das palavras de Bauman para melhor compreendermos:

Tornamo-nos conscientes que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a decisão de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p.17)

Isso significa que encontrar-se no mundo pós-moderno requer uma incessante busca por conhecer a si mesmo, Celidônio ainda busca se encontrar “[...] quem me dera saber o que sou.” (DICKE, 2011, p.64), voltar seu olhar para o mais íntimo de si, entender-se de dentro para fora, é preciso silenciar-se para ouvir a voz que vem de dentro. É um viver sempre na corda bamba:

[...] Deu-se em si, já era noite, ou quase. Como saber as horas? Entardeceu demais. A gente está sempre quase. Quase alguma coisa, quase outra, quase isto, quase aquilo, quase sempre, quase nunca, quase, quase, quase. Quando não é quase, é a coisa propriamente dita, o próprio. (DICKE, 2011, p. 32- 33)

Filosofias e teorias sobre a existência - a sua existência. Percebemos que Frutuoso Celidônio não consegue materializar suas teorias e, consequência disso, sua tese não evolui e isso o frustra, põe em questionamento seu conhecimento e sua intelectualidade, estando sempre na margem do quase, mas nunca ultrapassando esse limite.

### **Outra voz, outra vivência**

As narrativas paralelas, que surgem entre os pensamentos de Frutuoso Celidônio, como as de João Ferragem, rei D. Saul, a prostituta Rosária do Espírito Santo, Catrumano, João Valadar, os cegos Manuel das Velhas e Manuel dos Velhos, exprimem sentidos singulares quando observamos que as inquietações, as injustiças sociais, o desprezo e o abandono constituem as vivências dos povos do sertão, que estão em um bar às margens da rodovia. Frutuoso Celidônio ouve com respeito e cuidado as histórias



de cada personagem sem julgá-los e sem dizer se estão certos ou errados, apenas dá voz aos que tiveram esse direito relegado.

Ao dar voz a personagens relegados socialmente, o protagonista nos revela a beleza que se esconde nas margens da rodovia e da vida. A beleza está naquilo que o capitalismo e a busca frenética por bens materiais buscam esconder:

Caminha ao longo da avenida, beiradeando o acostamento. Crianças saem da escola [...] homens vêm do trabalho. Ah, esse trabalho vale isso a que dão o nome de dinheiro? Só para o dinheiro existir o trabalho? Fonte de sofrimentos... Ah, esse trabalho em nome do qual vai todo o sofrimento da humanidade [...] João Ferragem sente o peso quase imaterial da rabeça nas costas, um peso quase nada, o peso da música, um peso que não tem peso... (DICKE, 2011, p. 48)

No trecho acima, João Ferragem, um personagem secundário caminha às margens da avenida e observa a imagem da cidade grande, com carros apressados, pessoas sempre sem tempo e ele então percebe que os sujeitos trabalham em demasia e dialoga com o leitor se esse demasiado esforço vale o dinheiro que recebe. Questionar os padrões que oprimem e acorrentam o sujeito da sociedade pós-moderna significa romper barreiras, quebrar o ciclo, ser rejeitado e excluído socialmente.

Dicke entrepõe essa narrativa por meio das memórias de Frutuoso Celidônio, ele está imerso nos pensamentos e recorda de histórias contadas no bar Portal do Céu, às margens da cidade de Cuiabá, depois que Frutuoso Celidônio participou de uma cerimônia de casamento. O romancista ao mesclar a voz de João Ferragem com as lembranças de Frutuoso Celidônio viabiliza o discurso de um sujeito sem voz, um índio que toca rabeça.

### **A fragilidade da beleza e suas contradições**

O personagem, na maior parte da narrativa, se encontra em profundo silêncio, as informações que nos são apresentadas surgem, na maioria das vezes, por meio dos pensamentos e memórias. Frutuoso Celidônio quebra o silêncio poucas vezes no romance e quando o faz é por meio do dial do rádio e vale mostrar que as aflições são acalmadas pela Música (seria a música representação da Beleza que ele tanto deseja?) – a Arte salva e resgata o personagem no momento de angústia, é para onde vai quando se vê perdido. Ele liga o rádio, BBC de Londres dá o noticiário e então vem o alívio, o bálsamo libertador:

*Revista de Letras Norte@mentos*

E ainda hoje continuam as viagens com música interior jorrando sem parar. Bendito Deus, que faz continuar essa música nas viagens, glória, glória! Agora, por exemplo, ele ouvia, parado na rede, em viagem, uma música que revestia todo o corpo de Leonora de sons e beatitudes. (DICKE, 2011, p. 49)

No trecho citado é possível ver que o personagem “viaja” e nessa viagem ele ouve música, uma belíssima música que o faz pensar em Leonora, uma mulher jovem e linda que mora em Aguassu, casada com um persa dono da caieira. Leonora é a mais bela das mulheres, Celidônio a viu de longe, mas sabe que ela é a personificação da Beleza. Uma Beleza Suprema, inalcançável, intocável, quase que uma santidade.

Dá para contar como ela é? Nenhuma imitação imita a coisa imitada. No entanto, conhece a Vênus Afrodite, Anfitrite de Cilene ou de Cnido, a mais bela das mulheres? Imagine, pois, Vênus Afrodite em pessoa vivendo aqui, não como a Vênus Citereia do tempo dos gregos e dos romanos, mas uma Vênus Calipígia adaptada aos nossos tempos novos, modernos, contemporâneos (DICKE, 2011, p 65).

Vênus e Afrodite são deusas da beleza (a primeira na mitologia romana e a segunda na mitologia grega) e Anfitrite a deusa dos mares, esposa de Poseidon. Leonora é comparada às deusas da mitologia, logo se percebe que sua beleza é demasiadamente, enfeitiçadora, pois é equiparada a uma Vênus Calipígia. Belo é aquilo que agrada Celidônio e, a possibilidade de conquistar a Beleza Suprema é o que a torna essa busca prazerosa.

Mas o que é Beleza? Belo e Sublime? Partindo da leitura de Umberto Eco (2004, p. 277 - 278) compreendemos que, aquilo que é Belo está ligado, intrinsecamente, aos nossos sentidos, à maneira como enxergamos e desejamos determinada coisa. Estabelecemos, também, relação entre Belo e Sublime:

o Belo é algo que como tal se mostra para nós, que o percebemos, que é ligado aos sentidos, ao reconhecimento de um prazer, é ideia predominante em ambientes filosóficos diversos. Da mesma forma, é em ambientes filosóficos diversos que avança a ideia do Sublime. [...] Longino coloca em primeiro plano no processo de criação artística o momento do entusiasmo: o Sublime é para ele algo que anima o discurso poético de dentro para fora e arrasta os ouvintes ou leitores ao êxtase.

O Sublime nos faz perceber os limites do sujeito e das coisas, bem como nos faz refletir acerca da nossa racionalidade, está entrelaçado à Natureza e por meio dela ganha representação. Dicke entrelaça Belo e Sublime por meio da representação de Leonora e dos pensamentos filosóficos de Celidônio que traz, na narrativa, as mitologias grega e romana.

Essa procura por saber o que é a Beleza é o que move os pensamentos acelerados e fervorosos de Celidônio, ele vê em Leonora uma possibilidade de materializar a Beleza. Porém, sente uma amarga frustração ao conhecê-la, ela não entende de música clássica, não sabe sobre Filosofia, não compreende as Artes:

Espanto boiou-lhe na face, demorou. Como ela não sabia o que era Filosofia? Impossível. E quem era ela que não sabia o que era Filosofia, a rainha dos Infernos? Nem entende de música clássica. Seu entusiasmo decresceu um tanto. Mas talvez, naquele tempo dos mitos, Vênus divina talvez também não entendesse muito. Mas uma deusa não entender? Parecia-lhe que aquilo era um sacrilégio, algo lesa-sabedoria, era algo que ruía por terra. (DICKE, 2011, p. 167)

O fragmento citado surge na narrativa após breve conversa entre Leonora e Celidônio, quando este fala sobre músicas clássicas e Filosofia com a bela mulher e ela nada entende. Aqui compreendemos que, para o personagem, a Beleza está intrinsecamente relacionada à Sabedoria, para Celidônio a Beleza é uma entidade que transcende ao real, ao perceptível e ao físico, “Mas a sabedoria não estava contida na Beleza? A Beleza não era parte da Filosofia?” (DICKE, 2011, p.168).

A frustração de Celidônio é facilmente compreendida se entendermos que esse sentimento é de resistência à degeneração das coisas, mediada pela globalização e uso demasiado das tecnologias. Para Eco (2004, p. 260),

O sentimento representa uma reserva usada por Rousseau para rebelar-se contra a Beleza moderna artificiosa e decadente, reconquistando para o olhar e para o coração o direito de mergulhar na Beleza originária e incorrupta da natureza, com um sentido de nostalgia melancólica do “bom selvagem” e do menino espontâneo que estavam no homem em sua origem e que doravante estão perdidos para sempre.

Acontece que essa frustração coloca o personagem em movimentos de indagação, questiona sobre a significação da Beleza em tempos tão obscuros e, inconformado com o ‘lugar’ que ocupa busca (re) significar sua existência perambulando pelos devaneios e memórias. Então, é possível identificar Frutuoso Celidônio como o *vagabundo*, metáfora sugerida por Bauman para representar o homem em movimento:

O vagabundo não sabe quanto tempo ficará no lugar em que está [...] Uma vez de novo em movimento, ele estabelece seus destinos à medida que vai andando e lendo os sinais da estrada, mas mesmo assim não pode estar seguro se vai parar, e por quanto tempo na próxima estação. (BAUMAN, 1997, p. 274)

Celidônio é o protagonista do romance que discute filosofia e fala sobre as Artes, aquele que questiona os comportamentos padronizados, rompe barreiras temporais e culturais ao relacionar o tempo presente da narrativa ao tempo passado, das deusas mitológicas e ao girar o dial do rádio se comunica e estabelece vínculo com diversas culturas além das fronteiras geográficas. Ele não segue os padrões da era pós-moderna, pelo contrário, os quebra, rompe o ciclo do consumismo desregrado e compulsivo, é questionador e dá voz a outros personagens que estão às margens da rodovia da vida, há no personagem uma responsabilidade moral e humanizadora que o torna humano.

O personagem do romance em questão é constituído por meio da existência e vivências profundas do sujeito, não é um personagem raso, de fácil compreensão e requer leitura mais atenta e profunda, é o particular, mas também o universal. É o que Brait (1985, p.42) nos apresenta como personagem redonda:

As *personagens* classificadas como *redondas*, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano.

### **Mas afinal, o que é a beleza?**

A beleza nos tempos atuais está diretamente relacionada ao aspecto físico do ser humano, um corpo em forma, roupas na moda vigente, cabelos padronizados, ou seja,

há um modelo e este modelo precisa ser seguido caso o sujeito queira se enquadrar em determinado grupo social, principalmente nas mídias sociais.

Mas para Frutuoso Celidônio a beleza precisa ser algo mais que aparências físicas, é preciso estar atrelada à sabedoria, ao conhecimento. É demasiadamente arriscado pretender definir em um verbete o que é a beleza, pois ela é subjetiva, mas Frutuoso Celidônio nos deixa esta filosófica reflexão:

Mas o sentimento secreto da Beleza não se comunica. Quer um exemplo? Veja a música: ela pode ser descrita? Assim a beleza de uma mulher, apesar de carne corruptível. Quem seria capaz de narrar, em palavras do mundo, como é a '6ª Sinfonia', de Beethoven? Só a própria música. Como mármore. Ela não pode ser dita em palavras. Só em música. [...] Como a '6ª, de Beethoven'. A mulher bela é como a música: não existem palavras. (DICKE, 2011, p. 204 - 205)

Talvez pudéssemos assemelhar a beleza ao próprio processo criativo, compará-la à música, à Filosofia e às Artes. Porém, ainda assim o sentido ficaria raso e frio, então, permaneçamos nessa busca, assim como Frutuoso Celidônio, para que nossa existência não perca o sentido e nem se perca nesse processo de (re)construção e (re)significação de nossa identidade.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: uma entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol et al. *A personagem de ficção*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DICKE, Ricardo Guilherme. *Cerimônias do sertão*. Carlini e Caniato: Cuiabá, 2011.

DICKE, Ricardo Guilherme. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa443302/ricardo-guilherme-dicke>. Acesso em: 25 de outubro de 2022. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

ECO, Umberto. *História da beleza*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopez Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DPeA, 2006.

MACHADO, Madalena Aparecida. A angústia da busca pós-moderna na obra Cerimônias do Sertão de Ricardo Dicke. *Anais do XIV Congresso Internacional da ABRALIC: Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias*. 2015, Belém – Pará (UFPA). Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1456102882.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456102882.pdf). Acesso em: 21 de abril de 2023.

SOUZA, Shirlene Rohr de. *A estética de Dicke: entre o sublime e o grotesco*. Garça: FAEF, 2021.

Recebido em 21/02/2023

Aprovado em 18/05/2023